BOLETIM HISTORIAR
ISSN 2357-9145

GETEMPO.ORG

“Um som moderno e atualizado”: Rock, imprensa e cultura no litoral piauiense nos anos de 1990

Gustavo Silva de Moura[I]

Resumo: o presente artigo tem como objetivo investigar as relações entre a Cena Rock e a imprensa no litoral do Piauí na década de 1990. Para isso, foram analisadas entrevistas com os envolvidos e os jornais *A Libertação* e *Norte do Piauí*. Pretende-se examinar algumas abordagens realizadas pela mídia impressa sobre o rock e os percursos que possibilitaram suas efetivações. Com isso, objetiva-se explorar uma das formas de ampliação do referido estilo musical na região, alcançando, assim, espaços para suas apresentações e difusão de ideias e referências. A abordagem que a imprensa da região destinou ao rock e à relação entre os personagens da música e jornais permite problematizar diversos aspectos do contexto social e cultural da época, bem como as formas de inserção da música no litoral piauiense.

Palavras-chave: Imprensa piauiense; Rock; Cultura.

“A modern and updated sound ”: Rock, press and culture on the coast of Piauí in the 1990s

Abstract: This article aims to investigate the relationship between Cena Rock and the press on the coast of Piauí in the 1990s. For this, interviews with those involved and the newspapers *A Libertação* and *Norte do Piauí* were analyzed. It is intended to examine some approaches made by the printed media about rock and the paths that made its realizations possible. With this, the objective is to explore one of the ways of expanding the aforementioned musical style in the region, thus reaching spaces for its presentations and dissemination of ideas and references. The approach taken by the region's press to rock music and the relationship between the characters in the music and the newspapers allow us to problematize various aspects of the social and cultural context of the time, as well as the ways in which music was inserted on the coast of Piauí.

Keywords: Press from Piauí; Rock; Culture.

Artigo recebido em 10/04/2023 e aprovado em 05/08/2023

“UM SOM MODERNO E ATUALIZADO”: ROCK, IMPRENSA E CULTURA NO LITORAL PIAUIENSE NOS ANOS DE 1990

MOURA, G. S.

Introdução

Como ponto de partida, entende-se que as cenas musicais são uma estrutura na qual são construídas relações entre os indivíduos nas cidades. Assim, assenta-se sobre projeções de mundo e afazeres de movimentos culturais [II]. Segundo o músico e comunicólogo Felipe Trotta, o conceito de cena musical se relaciona diretamente com as articulações entre território e gênero musical, atravessadas pelas apropriações culturais. [III]O rock no litoral piauiense insere-se na imprensa local, criando com seus personagens um relacionamento característico com a mídia. Ao tomar essa base para reflexão, percebe-se, nas movimentações da Cena Rock e sua publicização nos anos de 1990 na cidade de Parnaíba, questões importantes a serem analisadas.

Com isso, para além de suas canções, sejam elas *covers* de bandas destacadas no cenário nacional, sejam de produções autorais – que enfrentavam as dificuldades técnicas que o Piauí exigia daqueles que articulavam-se dentro da música –, o material publicado na imprensa sobre apresentações, ideias e produções das bandas de rock de Parnaíba na década 1990 mostra os contextos e relações possibilitados na cidade sobre o rock aos personagens que se estabeleciam nas mídias.

Destarte, a necessidade de mostrar ao público suas inserções nas regionalidades oriundas de seu local de vivência continuava latente perante o público leitor. Essa cena musical vinculada ao rock era formada em sua maioria por jovens, que constituíam-se e construíram no ambiente local complexos comportamentos na década de 1990, baseados no entrosamento entre os indivíduos e as referências dispostas na indústria fonográfica.

Os usos feitos pelos jornais dos assuntos relacionados ao rock na década de 1990 e os recursos visuais empregados dentro dos periódicos evidenciam o processo de construção identitária vivenciado pelas bandas do estilo em Parnaíba. Dessa forma, entendendo-as como estruturas, a partir de experiências e processos inconscientes adquiridos pelos indivíduos no decorrer de sua vida, visualiza-se os percursos e consequente moldar-se. [IV]

Segundo o comunicólogo Eduardo Vicente, as instabilidades do período – entre finais da década de 1970 e início dos anos 1990 – fizeram com que o comportamento das gravadoras no Brasil colocasse como uma das prioridades a busca de novos públicos, estabelecendo uma relação mais pragmática com o mercado musical.[V] As referências usadas pelos personagens do rock parnaibano, para as suas formações individuais e coletivas, chegavam à cidade em diferentes frentes.

Existiam programas de rádio que se dedicavam ao rock desde a década de 1970, e a imprensa local teve espaços ocupados pela crítica musical direcionada ao rock, iniciada no mesmo período. Contudo, na década de 1990, o rock ganhou o imaginário coletivo no Brasil, com seu visual difundido pela TV, findando no público jovem. [VI] Com essa busca pela imagem de referência, a imprensa do litoral piauiense levava para suas páginas informações sobre o fazer e o viver do rock na região.

Ao dispor olhares às páginas dos periódicos, percebe-se os alinhamentos das movimentações do rock em território brasileiro, no qual passou-se de um estado de importação para produções domésticas. Segundo a socióloga Érica Magi[VII], esse movimento foi possível por haver na imprensa os “profetas do rock”, peças importantes no mosaico de difusão do estilo musical. No litoral do Piauí dos anos 1990, existia Carneiro Júnior, detentor do saber para escritos relacionados à arte, cultura e juventude na região. Consequentemente, o rock ganhou destaque em diversos momentos.

“UM SOM MODERNO E ATUALIZADO”: ROCK, IMPRENSA E CULTURA NO LITORAL PIAUIENSE NOS ANOS DE 1990

MOURA, G. S.

Apontamentos sobre a relação rock e imprensa no litoral piauiense

Nos primeiros anos da década de 1990, o jornal *A Libertação* teve entre seus colaboradores o referido jornalista com sua coluna *Carneiro Júnior News*. Nela, foram noticiados eventos e bandas de rock que participavam de ações da prefeitura da cidade[VIII] e do SESC-PI[IX]. Em suas páginas, o periódico já havia experimentado a música rock, anunciada pela coluna *Curtindo som e arte com Luiz Cruz*, na segunda metade dos anos 1980, levando aos leitores os principais lançamentos do rock nacional e shows nos âmbitos regional, nacional e internacional.

Posteriormente, o colunista Carneiro Júnior ocupa espaço em outro periódico; dessa vez, no jornal *Norte do Piauí*[X], que outrora fora vinculado à Arena[XI] e posteriormente aos partidos oriundos da sua dissolução. Na década de 1990, tornou-se um espaço para o rock local que ganhava destaque na cultura da cidade[XII], ao ser constante em festivais e promoções culturais patrocinadas e organizadas pela prefeitura municipal. Assim, ficou a cargo de Carneiro Júnior e sua coluna intitulada *Acontecimentos* noticiar a cultura do litoral piauiense.

Em destaque nas páginas do *A Libertação*, nos primeiros anos da década de 1990, mais especificamente no ano de 1992, encontram-se entrevistas com personagens que se destacaram na Cena Rock do litoral piauiense no período, estas conduzidas por Carneiro Junior e publicadas em destaque na sua coluna no referido jornal. Ressalta-se que nem o *A Libertação* e tão pouco o *Norte do Piauí* eram veículos de comunicação direcionado exclusivamente às camadas jovens da sociedade ou apreciadores do rock, e sim periódicos ligados à política e à classe abastada piauiense. Essa inserção mostra a busca pela diversificação do público em espaços relacionados à cultura, que conseguiu em parte desvencilhar-se de espaços ourudos.

Por meio da história oral, foi possível identificar algumas configurações que nortearam as escolhas de Carneiro Jr. em diversos momentos dentro de suas colunas, optando por levar ao seu público leitor o rock que estava circulando nos espaços de lazer e cultura de Parnaíba. Seguindo a trilha exposta pela historiadora Cléria Costa [XIII], buscou-se na entrevista o que não estava visível aos olhos, sendo o enxergável as matérias presentes na imprensa que levam a assinatura do jornalista, e o oculto as motivações cotidianas. Ao “caçar o invisível”, questionando sobre as relações fora das páginas impressas entre o jornalista e os personagens do rock, Carneiro Jr. coloca que:

> Pois é, o Teófilo estudou no Cobrão junto com a gente, então já tinha um certo contato com ele e também tinha o que gostava muito de rock, que era o Brito, Marcelo Brito, adorava rock também. Tinha um grupo de pessoas que gostavam muito de rock e na minha época final de 80, começo de 90, não existia essa, musicalmente falando, esses estilos populares que hoje em dia são muito focados, existia muito eletrônico na época, MPB e rock. Legião Urbana, Capital Inicial, começou por aí. Então, eu acho que foi esse clima de rock que predominava no Brasil inteiro. Então o contato com o Teófilo e com as bandas que a gente ia pra festa.[XIV]

Essas aproximações fora do ambiente profissional dos envolvidos possibilitaram um maior aprofundamento sobre questões pessoais e aberturas para suas respostas serem publicadas ao grande público. Essa humanização do músico pode ser vista em entrevistas realizadas e publicadas no espaço ocupado por Carneiro Jr no periódico *A Libertação*. Dessa forma, indagações diversas da vida dos personagens, perguntas sobre referências musicais, percepções da cena cultural local, projetos e também perguntas sobre religião e drogas eram colocadas aos jovens artistas locais, interligando-os com o público mais amplo consumidor do jornal, e evidenciando as suas ligações com a sociedade e cultura da época.

“UM SOM MODERNO E ATUALIZADO”: ROCK, IMPRENSA E CULTURA NO LITORAL PIAUIENSE NOS ANOS DE 1990

MOURA, G. S.

Em 1992, existe uma entrevista realizada com Teófilo Lima[XV], enquanto integrante da banda Rabiscos Urbanos. Coloca-se em foco uma construção que alça o artista ao local de destaque, mas iguala-o com os costumes de sua geração no contexto regional. Isso fica evidente na primeira pergunta e conseguinte resposta:

> Quem é Theóphilo Lima: Téo tem 21 anos, 1,75m de altura, olhos castanhos, acredita em si próprio, principalmente na área espiritual, crê na reencarnação e se diz ser caseiro, simples, romântico e responsável. Tem como grande apoio sua família, na qual o ajudou a realizar seu grande sonho, fazer um show de rock, pois o rock está no sangue e queria ser cantor desde pequeno.[XVI]

Teófilo Lima[XVII], como é mostrado em sua introdução ao leitor, traz o lugar social digerível pela sociedade parnaibana ao ser colocado como “responsável”, “caseiro” e detentor de fortes laços familiares positivos. Essa relação de Teófilo com sua família e a influência em sua carreira musical também foram expressas em outra entrevista, no ano de 2013, quando diz:

> Bem, meu pai sempre curtiu né?! Não era um roqueiro, mas na época dele Beatles, Rolling Stones e outras coisas, mas antigo e tal. é... então eu já cresci nessa aura de música, minha brincadeira predileta era juntar uns baldes, umas latas, fazer umas baterias e tudo, sempre tive facilidade também em aprender as letras, decorar as letras, sempre fui meio afinado né?! Desafinado como eu sou hoje (risos) mas sempre tive uma facilidade pra cantar[XVIII].

Ao falar de sua família, encontra-se outro traço presente na entrevista publicada no *A Libertação*, exclamando: “o rock está no seu sangue”. Tal afirmação coloca em evidência no artista o prisma dos jovens parnaibanos que recebiam na infância os pulsos da indústria fonográfica brasileira que se expandia na década de 1970 [XIX]; bem como na sua adolescência nos anos 1980, presenciando a explosão das bandas de rock nacional dentro dos diversos veículos midiáticos nacionais e locais.[XX]

Entender as relações familiares expostas por Teófilo em dois momentos distintos que trazem um espaço de duas décadas passa por questões relativas às significações que são a memória do cantor sobre o pai; e a enquanto iniciante na música, mostrando o processo de como se construiu e ainda se constrói. Para a historiadora Lucília Delgado [XXI], os esteios da identidade são constituídos pela memória, formatados pelas lembranças constituintes das referências que estabelecem o autorreconhecimento do homem na história. Com isso, Teófilo, ao lembrar do seu pai sempre que questionado sobre seu início no rock e, consequentemente, na música, coloca ao leitor e/ou ouvinte um parâmetro e motivação em sua trajetória musical e pessoal dentro das suas relações com a música, o que permanece até os dias atuais na sua produção fonográfica[XXII].

Direcionando os olhares ao publicado em 1992, na coluna *Carneiro Junior Show*, podemos ver a sua busca identitária dentro da música quando Teófilo responde sobre suas influências: - *Tenho influências diversas, escuto muita gente, mas me inspiro muito no Renato Russo, Mick Jagger, Raul Seixas, Bono Vox, etc. Gosto de Paulo Coêlho (sic) e tenho paixão pela música “Tempo Perdido” (Legião Urbana)*[XXIII]. As influências citadas por Teófilo perduram em toda sua produção musical, dentro e fora da banda Rabiscos Urbanos[XXIV].

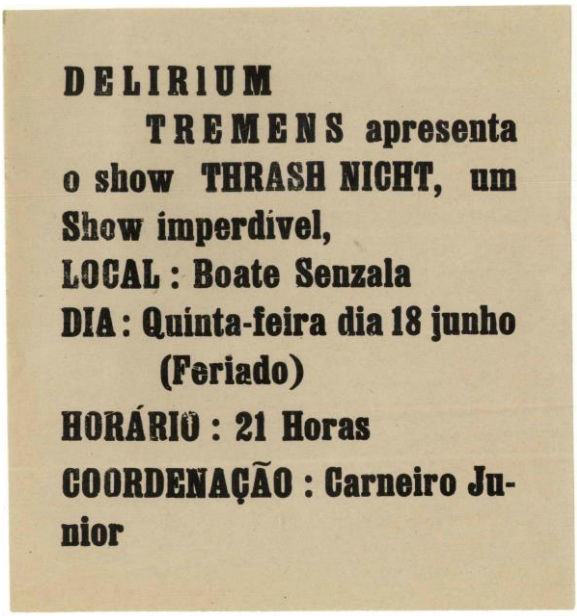
Nesse sentido, um quadro se desenhava no início da década de 1990, pois o interesse da mídia em colocar em destaque uma entrevista com músicos dedicados à Cena Rock mostrava ao público leitor novas referências musicais. Junto a isso, conexões e espaços apareciam. Nos meios de comunicação acessíveis na cidade, em que destaca-se a imprensa local, existia um movimento crescente que colocava o rock sendo tratado de maneira menos agressiva, fator que pode ser

relacionado à ocupação desses locais por indivíduos que eram ligados à música rock, produção de shows e bandas. Seguindo uma tradição que pode ser percebida desde os anos 1970, Carneiro Júnior também foi um produtor de shows na cidade em paralelo à sua atuação na imprensa. Sobre isso, diz:

> Tinha shows sim, mas para lembrar agora quais bandas que participavam. Na boate Senzala tinha muitos shows, acho que tinha show do Teófilo também, teve show de outras bandas de garagem, chamada na época, bandas que estavam começando, muitas bandas. Eu acho que o Paulo Death deve ter participado, eu não lembro muito bem.[XXV]

Corroborando com a fala acima, pode ser colocado o seguinte *flyer* cedido por Paulo Death, citado por Carneiro Júnior:

Imagem 1. Flyer show banda Delirium Tremens na boate Senzala



Fonte: Acervo pessoal de Paulo Death.

Ao falar sobre o show do *flyer* acima, Paulo Death explana em um longo relato:

> Assim, eu não sei te dizer ao certo como surgiu essa ideia dele estar produzindo esse evento, mas o fato é que o Carneiro em um momento ou outro sempre estava ali de alguma forma conectado com essa galera da época. Até porque, como eu falei, por estar ali mergulhado nesse universo da socialite e tal, jornais, porque ele também tinha muito contato com o pessoal dos jornais, acabou facilitando a produção desses eventos e consequentemente nos inserindo nesses eventos. Esse evento em especial, foi assim, foi um evento bem legal também, porque como eu falei, ele chamou atenção da época, mais um dos que chamaram atenção, o que era prova de que a cena estava se consolidando, estava fazendo mais evento, pessoas importantes estavam participando desses eventos, estavam inclusive produzindo esses eventos. Então, isso tudo foi de alguma forma nos ajudando no sentido de abrir espaço e de dar, nos dar, melhor dizendo, mais visibilidade, porque não?! Esse evento, cara, foi um caso à parte, digo eu, porque na época era uma galera muito ávida por esse tipo de evento. Os eventos, apesar de não ter um público

> grande, mais tinha um público que apesar de resumido era muito fiel, a galera sempre ia conferir. Assim, e por se tratar de um evento que tinha uma produção, digamos, pouco mais, digamos assim, um pouco mais elaborada. Isso de alguma forma atraiu uma outra galera, ou seja, uma outra tribo, não necessariamente os roqueiros. Isso era muito positivo para época, porque era uma forma da gente meio que habituar essa galera que não era necessariamente roqueira passar a gostar das bandas locais e frequentar os shows, ou seja, movimentar a cena em todos os sentidos.[XXVI]

A importância colocada por Paulo Death a esse evento organizado por Carneiro Júnior evidencia o que Alessandro Portelli chama de *incremental repetition*. [XXVII] Esse destaque também pode ser percebido no arquivamento do *flyer* que constitui documento para evidenciar o seu papel no mosaico que compõe a sua trajetória. A imprensa local também faz parte dos traços que dão significados a esse evento. Assim, Carneiro Júnior estar na organização é significativo por conta da sua atuação na imprensa que levou a banda Delirium Tremens a estar em três edições de junho de 1992, publicadas pelo jornal *A Libertação*[XXVIII]. Essa aparição se dá com uma grande entrevista feita pelo jornalista, que explora as percepções dos músicos sobre o cenário musical e as referências que levavam para o seu som.

No decorrer de sua atuação na imprensa, durante os anos de 1990, Carneiro Júnior defendia o rock local em diversas oportunidades. Em um de seus escritos no jornal *Norte do Piauí*, emite opiniões sobre o cenário musical local. No ano de 1997, colocou da seguinte forma: *“O cenário musical parnaibano parece que saiu da hibernação, com o show programados de várias bandas de rock que prometem detonar nas paradas musicais do litoral, um alívio aos que tem um gosto musical mais apurado”*[XXIX].

Carneiro Júnior já havia destacado a atuação do rock em prol do pulsar do cenário musical parnaibano. A opinião emitida pelo colunista destaca o cenário autoral, mostrando que havia uma produção local que emitia ideias e sons originários dos residentes no litoral do Piauí. Nisso, a banda de rock *Outside*, ao lado da sua fotografia, ilustrava a cena musical de Parnaíba do seguinte modo:

> Caros leitores o cenário musical parnaibano de boa qualidade ainda tem salvação, pois grandes bandas estão suando a camisa na parada musical do litoral para conseguirem um lugar ao sol, inclusive com lançamentos de suas próprias músicas que estão fazendo sucesso na mídia, é só acreditar e ter ousadia de mostrar o que não é da massa, chega de música brega, vamos proclamar a Independência de nossos ouvintes!!![XXX]

Apesar de existir um cenário musical ligado ao rock que se colocava atuante na música parnaibana na década de 1980, percebe-se no texto de Carneiro Junior a busca pela ideia de renascimento da música da região. Desse modo, ao ser indagado sobre o trecho publicado em sua coluna no jornal *Norte do Piauí*, Carneiro Júnior coloca que sua fala era sintoma das músicas que tocavam nas rádios da cidade, que, em detrimento das bandas locais, ocupavam seus espaços com programações que traziam bandas de Axé, fortes nas programações Carnavalescas do período[XXXI]. Esse movimento de massificação nas programações começava meses antes das datas dedicadas para as referidas comemorações.

Destarte, sobre a hibernação descrita pelo colunista, ressalta-se que, dois anos antes da jubilosa fala, encontra-se a notícia de um show da banda *Outside*[XXXII] em seu espaço no *Norte do Piauí*. Esse show, segundo divulgado, ocorreu no dia 29 de dezembro de 1995, no palco do Porto das Barcas[XXXIII], evidenciando a existência de atividades musicais na década de 1990.

Ao ser indagado sobre essa relação da *Outside* com a imprensa e entrevistas com a banda publicadas no espaço que Carneiro Júnior tinha na imprensa, Paulo Death responde que:

“UM SOM MODERNO E ATUALIZADO”: ROCK, IMPRENSA E CULTURA NO LITORAL PIAUIENSE NOS ANOS DE 1990

MOURA, G. S.

> Na fase do Outside lembro que era assim, ele mandava algumas perguntas para o Marcelo e o Marcelo respondia ele. Funcionava dessa forma. Lembro que até teve um jornal aqui, não sei se existe ainda, chamado A Libertação, na qual o Carneiro tinha uma coluna e sempre os eventos ao qual ele participava, alguns deles, ele colocava lá uma matéria das bandas que iam participar, das bandas de rock, lógico, que é o assunto que a gente está abordando. Assim, funcionava dessa forma, ele mandava as perguntas, pelo menos na fase do Outside era assim. Assim, a gente se batia pela rua e eu lembro que quando tinha os eventos eu mesmo costumava fazer isso, “ Carneiro cara, vai ter um evento, vai dar uma força pra nós lá, faz uma matéria” e ele como já tinha know how de redigir texto e tudo mais, ele fazia, extraia da cabeça dele mediante o evento que ia acontecer e ele redigia a matéria. Ele fez isso inúmeras vezes.[XXXIV]

Perceber no cotejamento das fontes essas relações e suas configurações no espaço cotidiano expõe as aproximações que os personagens tinham nos ambientes da cidade. Esses bastidores da imprensa que são aqui mostrados por meio das falas de Carneiro Júnior e Paulo Death mostram as redes da cultura da cidade construídas entre a geração que compartilhavam.

Em outro momento, na coluna Acontecimentos, assinada por Carneiro Júnior, encontram-se as seções “Stop Parada Obrigatória”, “Giro-Social” e “Rapidinhas”, nas quais os eventos de bandas de rock de Parnaíba eram divulgados. Em 1997, uma divulgação massiva relacionada ao lançamento da fita cassete da banda *Outside* é feita. Carneiro Junior escreve o seguinte: *“A banda de Rock OUT SIDE (sic) do vocalista Marcelo Brito estará se apresentando em grande show no dia 9 de novembro onde lançará Fita Demos com os seus hits”*[XXXV]. Noticiado no espaço da coluna em algumas edições do *Norte do Piauí*, segundo o jornal, esse show ocorreria no Cine Teatro Delta, por ter estrutura de iluminação e som de qualidade. Qualidade essa não desfrutada por outras bandas da cidade habitualmente.

Os significados individuais dos roqueiros parnaibanos moldavam-se ao encontro dos entendimentos que o relacionam como prática cultural contemporânea da região. Assimilar a trajetória do rock, rumo à cultura local de Parnaíba-PI, passa também por entender a descentralização do indivíduo em relação à exclusividade da tradição, possibilitando as interações entre tradicional e moderno, motivados pela ampliação e força de um mercado consumidor.[XXXVI]

Segundo Raymond Williams: *“Uma cultura são significados comuns, o produto de todo um povo, e os significados individuais disponibilizados, o produto de uma experiência pessoal e social empenhada de um indivíduo”* [XXXVII]. Com isso, os produtos de experiência pessoal, relacionados à tradição nas práticas culturais no litoral e o meio social que inseriu na cultura de Parnaíba, colocam referências relacionadas ao rock vindo de outros locais, tornando possível a consolidação do estilo na cultura musical local nos anos 1990.

Essa dialética pode ser encontrada no título do show de lançamento da banda *Outside*, que levava o nome *Experience One*. Usar palavras em inglês poderia alçar no imaginário dos envolvidos uma relação com o rock internacional, forte influência das bandas e artistas do rock em Parnaíba. Outro fator para o nome seria as músicas gravadas em língua inglesa, na tentativa de igualação de patamar fonográfico perante o público.

Considera-se que o motivo da escolha pelo uso de outra língua nas canções alinha-se ao exposto pela socióloga Marcia Tosta Dias [XXXVIII], para quem a década de 1990 apresenta a necessidade de aproximação dos músicos brasileiros para um mercado mundializado em que o idioma seria um diferencial na obtenção de público. Nesse sentido, não era incomum eventos relacionados ao rock em Parnaíba apresentarem-se com títulos em inglês. Exemplo dessa prática

pode ser encontrado no ano de 1985 no evento Rock in Parnaíba, que fazia alusão ao Rock in Rio 85[XXXIX].

O show de lançamento da banda *Outside* evidencia avanços na divulgação das bandas de rock locais na imprensa local nos anos de 1990. Esse progresso está no uso de fotografias nas páginas do jornal *Norte do Piauí*. Apesar de não ser usual esse tipo de material na imprensa local em divulgações de shows de música, existiram outros momentos na década de 1980 em que a imagem de bandas de rock autorais esteve nas diagramações de periódicos.

A coluna assinada no *Norte do Piauí* por Carneiro Júnior era o espaço ideal para divulgar ao público a seguinte fotografia:

Imagem 2. Banda *Outside*.



Fonte: Carneiro Júnior. Parada Musical. In: Carneiro Júnior. Acontecimentos. *Norte do Piauí*, Parnaíba, 07-13 de nov. 1997, p. 06.

O uso de fotografias de bandas de rock da cidade de Parnaíba em páginas da imprensa local pode ser analisado dentro da abordagem feita pela historiadora Ana Maria Mauad, [XL] para quem fotografias dentro de jornais compõem signos de uma natureza não verbal, objetos de uma civilização e significados de uma cultura. No entanto, colocar imagens desses jovens músicos estampando os periódicos só foi possível dentro de um processo que se iniciou uma década antes na cidade.

O cenário usado pela banda remetia às ruínas do Porto das Barcas, que localizam-se dentro do centro histórico da cidade. Subliminarmente, havia uma mensagem de ligação dos indivíduos com os espaços da urbe que desfrutavam no seu cotidiano. Apesar de suas melodias trazerem guitarras distorcidas e canções em inglês, não são negligenciados o local social e cultural dos integrantes. Segundo Paulo Death[XLI], essas escolhas para fotografias não eram refletidas nas

músicas, mas traziam os seus locais de vivência. No caso da foto acima, ao escolher o Porto das Barcas, ainda segundo o músico, a intenção era levar a história da cidade para a exposição da banda em divulgações.

Com isso, fotografias usadas em jornais servem como um modo de transmitir, ilustrativamente, uma notícia, considerando sempre os critérios estabelecidos pela imprensa. [XLII] Mudava-se o olhar sobre o rock, mostrando-se digno de constar os seus rostos, poses e referências no noticiário local. O colunista Carneiro Júnior fazia uso constantemente de fotografias em seu espaço no jornal *Norte do Piauí*. Contudo, esse recurso servia para divulgação de sua agência de modelos e a cobertura dos eventos culturais e sociais da *high society* do litoral.

A partir dos parâmetros midiáticos e visuais, a banda *Outside* consegue aceitação para mostrar seus rostos e corpos dentro dos impressos de maior circulação no litoral piauiense na década de 1990. Considera-se que a escolha por aceitar na grande imprensa a vertente menos agressiva do rock ou pop, alinha-se ao momento da indústria fonográfica nacional. O mercado da música brasileira e as empresas desse escopo tinham nos seus *casts* artistas que se amparam nos referenciais do pop rock. Dessa forma, a abordagem dessa vertente do rock poderia causar menores desconfortos visuais em leitores costumeiros do periódico *Norte do Piauí* não ambientados com o rock.

Essa ligação de referências estabelecida pelo rock de Parnaíba com o nacional presente nas mídias na década de 1990, encontra sua explicação nas palavras do comunicólogo Eduardo Vicente, que, ao analisar a indústria fonográfica brasileira e seus diversos segmentos, mostra no rock brasileiro do período uma relação moldada na permanência e no ressurgimento de nomes ligados aos anos de 1980 e a retomada de espaços no mercado fonográfico pelo rock nacional em uma vertente pop.[XLIII]

O repertório da banda *Outside* buscava alinhamentos com sucessos internacionais. Sobre isso, Carneiro Júnior escreve:

> A banda parnaibana OUT-SIDE (sic) está com um som moderno e atualizado com as paradas pops mundiais, de vez em quando realizam seletos shows pela noite parnaibana, mas bem que poderiam lotar ginásios e clubes sociais, basta só os parnaibanos se conscientizarem que não vivemos só de forró e axé music.[XLIV]

Esse trecho inspira outras questões relacionadas ao rock autoral do litoral piauiense e às apresentações das bandas. Percebe-se que visualiza-se a chegada aos *status* de artistas nacional e/ou internacional, em que ocupariam ginásios, mesmo permanecendo o desejo palpável de ocuparem espaços locais como clubes sociais.

A sobrevivência das bandas de rock da cidade de Parnaíba esteve ligada aos eventos locais. Essas apresentações eram produzidas principalmente de três formas: a primeira era realizada através de organização coletiva, na qual os membros das bandas angariavam os recursos de forma autônoma junto às empresas locais e recursos próprios; a segunda forma era constituída de shows realizados pelos clubes sociais e entidades não governamentais em espaços dedicados à elite local; já a terceira forma está nos eventos organizados pelo poder público na década de 1990.

Conclusão

A imprensa da cidade de Parnaíba contribuiu na década de 1990 para que o rock ampliasse seu público na região, alcançando, portanto, *status* de relevância na cena musical local, além de tornar a Cena Rock integrante da cultura do litoral piauiense. Com os periódicos, aumentou-se o

leque de sons e referências que diversificaram as programações dos espaços de lazer da região, ajudando a alcançar pessoas fora de suas fronteiras. O valor adquirido pelo rock local, no processo de alcance desses objetivos, evidenciou a importância que a ocupação dessa cena musical pelos indivíduos ligados ao estilo possui, colocando em latência questões relacionadas ao local e ao global dentro da cidade. Nesse sentido, tem-se nas entrevistas dos personagens o tenso caminhar que o tempo, a memória, o espaço e a história fazem na recomposição das lembranças,[XLV] podendo evidenciar as cores que o maquinário das gráficas não possibilitou aos periódicos.

Notas

[I] Doutorando em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí. Bolsista FAPEPI.
[II] JANNOTTI JR., Jeder; SÁ, Simone Pereira de. Apresentação In: _____. (org). *Cenas Musicais*. Guararema: Anadarco, 2013. p. 05-06. p. 05.
[III] TROTTA, Felipe. Cenas Musicais e Anglofonia: sobre os limites da noção de cena no contexto brasileiro. In: JANNOTTI JR., Jeder; SÁ, Simone Pereira de (orgs.). *Cenas Musicais*. Guararema: Anadarco, 2013. p. 57-70. p. 59.
[IV] HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p. 38.
[V] VICENTE, Eduardo. Do vinil ao CD: a indústria fonográfica no Brasil nas décadas de 1980 e 1990. In: MAGI, Érica; DE MARCHI, Leonardo. (Orgs.). *Diálogos Interdisciplinares sobre a Música Brasileira*. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. p. 185-204. p. 187.
[VI] GRANGEIA, Mario Luis. Pátria amada, não idolatrada: o Brasil no rock dos anos 1980/1990. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. (Orgs.). *O Brasil Republicano*: O tempo da Nova República - Da transição democrática à crise política de 2016 (Vol. 5). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018, p. 353-387. p. 383.
[VII] MAGI, Érica Ribeiro. Rock, cidades e cenas musicais. In: SOUSA, Rainer Gonçalves. (Org.). *Nas Trilhas do Rock*: Experimentalismo e Mercado Musical. Goiânia: Editora Kelps, 2018. p. 223-245. p. 239.
[VIII] Carneiro Júnior. Eventos Musicais. In: Carneiro Júnior. Acontecimentos. *A libertação*, Parnaíba, 06 de maio de 1992, p.06.
[IX] A gestão de Batista Leão a frente da secretaria de cultura de Parnaíba aprofundou a parceria com o SESC-PI que seria importante para a música rock na região. CF: Editorial. Cultura recebe cooperação do SESC para atividades. In: _____. 3 Notícias. *A Libertação*, Parnaíba, 13 de maio. 1989, p. 03
[X] Iniciou suas atividades em 1967, tendo como primeiro diretor Mario Meireles. Estabeleceu-se com periodicidade diária ou a cada dois dias, tendo em média 170 números no ano, cada número contém em média 4 páginas na década de 1980 e 8 a partir dos anos 1990. Continua em circulação.
[XI] Editorial. Política Suja II. *Norte do Piauí*, Parnaíba, 05 de jan. 1978, p. 01.
[XII] Esse destaque está na coluna *Carneiro Junior News*, mantendo uma periodicidade próxima à do jornal, em seu conteúdo podem ser encontrados anúncios de shows e lançamentos das bandas locais durante toda a segunda metade da década de 1990.
[XIII] COSTA, Cléria Botelho da. A escuta do outro: os dilemas da interpretação. In: História Oral, v. 17, n. 2, p. 47-67, jul./dez. 2014. P. 51
[XIV] Carneiro Júnior. Entrevistado por Gustavo Moura. Parnaíba-PI. Brasil. 26/10/2011.
[XV] Carneiro Júnior. Entrevista exclusiva com o “fronmany” Theófilo Carvalho, da Banda Rabiscos Urbanos. In: Carneiro Junior News. *A libertação*, Parnaíba, 04 de abril de 1992, p.06.
[XVI] Carneiro Júnior. Entrevista exclusiva com o “fronmany” Theófilo Carvalho, da Banda Rabiscos Urbanos. In: Carneiro Junior News. *A libertação*, Parnaíba, 04 de abril de 1992, p.06.
[XVII] Será adotada essa grafia para o nome do artista durante as discussões que estão no texto, ressalvadas os modos de escrita usados nas fontes que serão mantidos como aparecem no original.
[XVIII] LIMA, Teófilo. Entrevistado por Gustavo Moura. Parnaíba-PI. Brasil. 02/12/2013.
[XIX] DIAS, Marcia Tosta. Os donos da Voz: Indústria fonográfica brasileira e mundialização da cultura. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2008. p. 86.
[XX] VICENTE, Eduardo. *Da vitrola ao IPod*: uma história da indústria fonográfica no Brasil. São Paulo: Alameda, 2014. p. 102.

[XXI] DELGADO, Lucília de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. História Oral, v. 6, 2003, p. 9- 25. p. 14-15.
[XXII] Mais sobre a trajetória musical de Teófilo Lima pode ser encontrado em: MOURA, Gustavo Silva de. 'Ehhh! Cabeça de Cuia!!!': memória e cidade na obra musical de Teófilo Lima (1994-2018). *Temporalidades*, v. 12, p. 201-222, 2020.
[XXIII] Carneiro Júnior. Entrevista exclusiva com o “fronmany” Theófilo Carvalho, da Banda Rabiscos Urbanos. In: Carneiro Junior News. *A libertação*, Parnaíba, 04 de abril de 1992, p.06.
[XXIV]A produção musical de Teófilo Lima é abordada em: MOURA, Gustavo Silva de. “Ehhh! Cabeça de Cuia!!!”: memória e cidade na obra musical de Teófilo Lima (1994-2018). *Temporalidades* – Revista de História, Belo Horizonte, Ed. 32, v. 12, n. 1 (Jan./Abr. 2020). p. 201-222, 2020.
[XXV] Carneiro Júnior. Entrevistado por Gustavo Moura. Parnaíba-PI. Brasil. 26/10/2011.
[XXVI] VERAS, Paulo. Entrevistado por Gustavo Moura. Parnaíba-PI. Brasil. 30/11/2021. No texto será usado o nome artístico Paulo Death.
[XXVII] PORTELLI, Alessandro. *Ensaios de História Oral*. São Paulo: Letra e voz, 2010. p. 238-239.
[XXVIII] Carneiro Júnior. Carneiro Junior News. A libertação, Parnaíba, 13 de junho de 1992, p. 06; Carneiro Júnior. Carneiro Junior News. A libertação, Parnaíba, 24 de junho de 1992, p. 06; Carneiro Júnior. Carneiro Junior News. A libertação, Parnaíba, 27 de junho de 1992, p. 04.
[XXIX] Carneiro Júnior. Rapidinhas. In: Carneiro Júnior. Acontecimentos. *Norte do Piauí*, Parnaíba, 25-31 de out. 1997, p.06.
[XXX] Carneiro Júnior. Parada Musical. In: Carneiro Júnior. Acontecimentos. Norte do Piauí, Parnaíba, 07-13 de nov. 1997, p.06.
[XXXI] Carneiro Júnior. Entrevistado por Gustavo Moura. Parnaíba-PI. Brasil. 26/10/2011.
[XXXII] Existem grafias divergentes a depender de quem estaria escrevendo sobre a banda. Decidiu-se pela palavra *Outside*, por ser similar ao usado na língua inglesa. Em tradução livre para o português, *Outside* significa lado de fora.
[XXXIII] Localizado no centro histórico de Parnaíba-PI, atualmente faz parte do conjunto urbano do município tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - Iphan.
[XXXIV] VERAS, Paulo. Entrevistado por Gustavo Moura. Parnaíba-PI. Brasil. 30/11/2021. No texto será usado o nome artístico Paulo Death.
[XXXV] Carneiro Júnior. Stop, parada obrigatória. In: Carneiro Júnior. Acontecimentos. *Norte do Piauí*, Parnaíba, 31 de out. a 06 de nov. 1997, p.06.
[XXXVI] ORTIZ, Renato. *Mundialização e Cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2007. P. 119-120.
[XXXVII] WILLIAMS, Raymond. *A cultura é de todos (Culture is Ordinary)*, 1958. Tradução Maria Elisa Cevasco, disponível em: http://pt.scribd.com/doc/68474445/A-Cultura-eOrdinaria1 Acessado em 18/01/2015. (Sem publicação). p. 05.
[XXXVIII] DIAS, Marcia Tosta. Os donos da Voz: Indústria fonográfica brasileira e mundialização da cultura. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2008. p. 125.
[XXXIX] Editorial. 1 festival de conjuntos de Parnaíba 85 (Nota). *A Libertação*, Parnaíba, 02 de nov. 1985, p. 06.
[XL] MAUAD, Ana Maria. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo. v.13. n.1, p. 133-174, jan-jun. 2005. p. 151.
[XLI] VERAS, Paulo. Entrevistado por Gustavo Moura. Parnaíba-PI. Brasil. 30/11/2021. No texto será usado o nome artístico Paulo Death.
[XLII] MADIO, Telma Campanha de Carvalho, A fotografia na imprensa diária paulistana nas primeiras décadas do século XX: O Estado de S. Paulo. *História (São Paulo)*, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 61-91, jul-dez. 2007. p. 75
[XLIII] VICENTE, Eduardo. SEGMENTAÇÃO E CONSUMO: A Produção Fonográfica Brasileira 1965/1999. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 10, n. 16, p. 99-117, jan-jun, 2008. p. 116.
[XLIV] Carneiro Júnior. Giro-Social. In: Carneiro Júnior. Acontecimentos. *Norte do Piauí*, Parnaíba, 14-20 de ago. 1998, p.06.
[XLV] DELGADO, Lucília de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. História Oral, v. 6, 2003, p. 9- 25. p. 10.

Bibliografia

COSTA, Cléria Botelho da. A escuta do outro: os dilemas da interpretação. In: *História Oral*, v. 17, n. 2, p. 47-67, jul./dez. 2014.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. *História Oral*, v. 6, 2003, p. 9- 25.

DIAS, Marcia Tosta. *Os donos da Voz:* indústria fonográfica brasileira e mundialização da cultura. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

GRANGEIA, Mario Luis. Pátria amada, não idolatrada: o Brasil no rock dos anos 1980/1990. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. (Orgs.). *O Brasil Republicano*: O tempo da Nova República - Da transição democrática à crise política de 2016 (Vol. 5). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018, p. 353-387.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JANNOTTI JR., Jeder; SÁ, Simone Pereira de. Apresentação In: _____. (org). *Cenas Musicais*. Guararema: Anadarco, 2013. p. 05-06.

MADIO, Telma Campanha de Carvalho, A fotografia na imprensa diária paulistana nas primeiras décadas do século XX: O Estado de S. Paulo. *História (São Paulo)*, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 61-91, jul-dez. 2007.

MAGI, Érica Ribeiro. Rock, cidades e cenas musicais. In: SOUSA, Rainer Gonçalves. (Org.). *Nas Trilhas do Rock*: Experimentalismo e Mercado Musical. Goiânia: Editora Kelps, 2018. p. 223-245.

MAUAD, Ana Maria. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo. v.13. n.1, p. 133-174, jan-jun. 2005.

ORTIZ, Renato. *Mundialização e Cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2007.

PORTELLI, Alessandro. *Ensaios de História Oral*. São Paulo: Letra e voz, 2010.

TROTTA, Felipe. Cenas Musicais e Anglofonia: sobre os limites da noção de cena no contexto brasileiro. In: JANNOTTI JR., Jeder; SÁ, Simone Pereira de (orgs.). *Cenas Musicais*. Guararema: Anadarco, 2013. p. 57-70.

VICENTE, Eduardo. *Da vitrola ao IPod*: uma história da indústria fonográfica no Brasil. São Paulo: Alameda, 2014.

VICENTE, Eduardo. Do vinil ao CD: a indústria fonográfica no Brasil nas décadas de 1980 e 1990. In: MAGI, Érica; DE MARCHI, Leonardo. (Orgs.). *Diálogos Interdisciplinares sobre a Música Brasileira*. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. p. 185-204.

VICENTE, Eduardo. SEGMENTAÇÃO E CONSUMO: A Produção Fonográfica Brasileira 1965/1999. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 10, n. 16, p. 99-117, jan-jun, 2008.

WILLIAMS, Raymond. *A cultura é de todos (Culture is Ordinary)*, 1958. Tradução Maria Elisa Cevasco, disponível em: http://pt.scribd.com/doc/68474445/A-Cultura-eOrdinaria1 Acessado em 18/01/2015. (Sem publicação).

Fontes hemerográficas

Arquivo pessoal de Paulo Veras (Digitalizado em 2013 junto ao entrevistado à época).

Carneiro Júnior. Eventos Musicais. In: Carneiro Júnior. Acontecimentos. *A libertação*, Parnaíba, 06 de maio de 1992, p.06.
Carneiro Júnior. Entrevista exclusiva com o "fronmany" Theófilo Carvalho, da Banda Rabiscos Urbanos. In: Carneiro Junior News. *A libertação*, Parnaíba, 04 de abril de 1992, p.06.
Carneiro Júnior. Carneiro Junior News. *A libertação*, Parnaíba, 13 de junho de 1992, p.06;
Carneiro Júnior. Carneiro Junior News. *A libertação*, Parnaíba, 24 de junho de 1992, p.06;
Carneiro Júnior. Carneiro Junior News. *A libertação*, Parnaíba, 27 de junho de 1992, p.04.
Carneiro Júnior. Giro-Social. In: Carneiro Júnior. Acontecimentos. *Norte do Piauí*, Parnaíba, 14-20 de ago. 1998, p.06.
Carneiro Júnior. Parada Musical. In: Carneiro Júnior. Acontecimentos. *Norte do Piauí*, Parnaíba, 07-13 de nov. 1997, p.06.
Carneiro Júnior. Rapidinhas. In: Carneiro Júnior. Acontecimentos. *Norte do Piauí*, Parnaíba, 25-31 de out. 1997, p.06.
Carneiro Júnior. Stop, parada obrigatória. In: Carneiro Júnior. Acontecimentos. *Norte do Piauí*, Parnaíba, 31 de out. a 06 de nov. 1997, p.06.
Editorial. 1 festival de conjuntos de Parnaíba 85 (Nota). *A Libertação*, Parnaíba, 02 de nov. 1985, p. 06.
Editorial. Cultura recebe cooperação do SESC para atividades. In: _____. 3 Notícias. *A Libertação*, Parnaíba, 13 de maio. 1989, p. 03
Editorial. Política Suja II. *Norte do Piauí*, Parnaíba, 05 de jan. 1978, p. 01.

Fontes Orais

CARNEIRO JÙNIOR. Entrevistado por Gustavo Moura. Parnaíba-PI. Brasil. 26/10/2021.
TEÓFILO LIMA. Entrevistado por Gustavo Moura. Parnaíba-PI. Brasil. 02/12/2013.
PAULO VERAS. Entrevistado por Gustavo Moura. Parnaíba-PI. Brasil. 19/07/2013.
PAULO VERAS. Entrevistado por Gustavo Moura. Parnaíba-PI. Brasil. 30/11/2021.